

A casa fechada: a experiência da covid-19

» CÁTIA MARINGOLO

Tradutora, educadora, doutora em estudos literários. Atualmente, coordenadora-geral do gabinete da ministra de Estado da Cultura

Conheço o escritor mineiro Marcos Fábio de Faria primeiro por uma imagem: a de seu já famoso e reconhecido *Madame Satã*, dramaturgia escrita com o autor Rodrigo Jerônimo e sucesso teatral brasileiro. Agora, sou apresentada a seu livro *A casa fechada*, que, em poucas palavras, diz desse momento que vivemos juntas e juntos, no tempo e espaço em que estivemos, por algum arranjo do universo e das deusas que nos governam.

O livro nos remete quase que automaticamente a uma sensação ainda tão presente no nosso imaginário e uma certa nova sociabilidade comum, de termos nos trancado em nossas casas — na sua mais diversa organização arquitetônica — com a premissa de preservarmos a vida, ou de adiarmos uma morte.

Para além de ser sobre casas, janelas, portas, portões e uma vida fechada, esse livro nos faz rememorar a experiência da covid-19 nos cantos de nossos corpos, que ainda parecem estar cheios de cicatrizes. Quando iniciamos a leitura de suas crônicas — o que, para mim, mobiliza a percepção de uma janela, uma fresta do/para o cotidiano —, nos chama a atenção a quantidade de sensações, sons, de barulhos evocados habilmente por Faria. Estamos com o autor também fechados e fechadas em sua/nossa casa e percebemos que, da janela, observamos o tempo correr, lento, ralo, um tempo que se arrasta.

A passagem, ou não, do tempo é também um crescendo do pavor que se instala ao percebermos que o fechamento para o mundo parece

não ter prazo para acabar. O medo da pandemia e do vírus parece estar em sintonia com a falta de informação e a desinformação. Uma amiga uma vez me disse, durante a pandemia, que sentia que a condição de lock down era semelhante à notícia de um tigre solto pela cidade, mas impossível de ser apanhado, quase que como uma ameaça invisível, etérea.

Essa sensação de um medo que não podemos segurar com as mãos, ou sentir, está impregnada na costura narrativa de Faria, que é, primeiro, anunciada não apenas pelo trancamento de portas e janelas, como de nossas vidas, mas pela insistência com nossos sapatos: “É certo que haverá memória do choro, e mais ainda do primeiro de todos, mas sem garantias de que sobrá tempo, ou lágrimas, até o fim da peste. E que não chegue o dia em que há de se colocar a mesa com indiferença e se sentar, mastigar e engolir. Apenas seguindo o dia-após-dia numa rotina tão seca e que repousa no corpo sem mais. Além, é claro, da preocupação em deixar os sapatos para sempre na entrada.”

O medo, que existe em condição interseccional no mundo, é complexificado por questões como raça, gênero, classe, localidade, geografia — “(...) existe a exceção, já que a terra não divide quem fica ou não doente. Mas quem nela permanece é um resultado do lugar de nascimento. É o mesmo desde sempre, como tem mostrado, também as poesias” — e coexiste com a beleza surpreendente que descobrimos com o pôr do sol, das folhas que caem das árvores, dos uivos dos cachorros ou

mesmo das palmas celebrantes: por alguns instantes, estamos com o autor dentro de sua casa esperando que a peste acabe. Por isso, ainda nos choca saber do descaso de nossos governantes, ou do sofrimento dos mais pobres e vulneráveis, “os números varridos para baixo do tapete”.

Conforme avançamos na saga pela luta à sobrevivência, mais escancarados são as desigualdades, as opressões, o racismo, a necropolítica. A falta de ar, síntese e metáfora da pandemia e da diáspora negra, expõe as vulnerabilidades históricas a que a população negra, pobre está submetida.

A casa fechada traz essas pequenas frestas que se abrem para dentro, em um cotidiano de isolamento, e que insistem em abrir para fora, para o mundo. São um convite para reelaborar e ressignificar essa experiência comum e distinta de tempos recentes de pandemia. Por meio de uma costura poética, Faria dá forma em palavras ao isolamento com máscaras, álcool em gel, acompanhados de nossas plantas e nossos bichinhos de estimação, ao pavor da morte, ao fanatismo da ignorância, da falta de ar e do terror de não termos uma casa onde possamos fechar nossa mortalidade.

O ato de fechar a casa, que se tornou um sintoma do medo da contaminação e da morte, é sintomático de uma sociedade que concebe tantas pessoas em situação de extrema de miséria e pobreza, e sem uma casa para se “esconder até que esse tigre invisível seja finalmente capturado.”

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A indústria farmacêutica e os médicos

Não é de hoje que as relações entre médicos e a poderosa indústria farmacêutica estão repletas de elementos e interesses inexplicáveis, havendo, inclusive, suspeitas de que essas parcerias concorrem não para o bem da ética na medicina, mas atendem a interesses distantes da saúde dos pacientes e mesmo da saúde pública.

Há tempos também que o público e sobretudo o Conselho Federal de Medicina (CFM) desconfiam que esse tipo de parceria transforma a saúde em um mercado em que o dinheiro dita as regras. Muitas têm sido as reclamações e os processos judiciais junto aos tribunais contestando essa união. Em todo o mundo, essas relações acontecem, sendo que, em alguns países, os órgãos que regulam o exercício da medicina disciplinam esse estreitamento, impondo normas rígidas, pois sabem que, se deixadas sem regulações, essas parcerias podem trazer prejuízos para a parte mais fraca, que é justamente o paciente.

Acreditar que a atuação da indústria farmacêutica junto aos profissionais de saúde se transforme, da noite para o dia, em uma relação transparente requer, antes de tudo, que os médicos tomem para si a responsabilidade de manter dentro de parâmetros éticos quaisquer contatos com os representantes desses remédios. Ocorre que existem nessas relações vantagens imediatas para ambos os lados. Não são apenas remédios que entram nessas relações, mas diversos outros produtos e, principalmente, equipamentos médicos, alguns custando centenas de milhares de reais.

É sabido que os médicos da rede pública, em sua maioria, trabalham muito e recebem pouco, embora as responsabilidades profissionais sejam imensas. Afinal, o que está em jogo são vidas. A indústria farmacêutica sabe que a maioria dos médicos tem baixa remuneração e, por isso, os cerca com promessas e muitas outras vantagens tentadoras. Nesse ponto, a questão fica entre receber honorários justos e adequados ou se render e acabar caindo nas armadilhas da mercantilização da saúde.

Também os escândalos nessa área acontecem com muita frequência. Felizmente, para muitos médicos, o mais importante é manter o nome limpo e livre de escândalos. Na prática, o que se observa é que as relações entre médicos e indústria farmacêutica, quando estabelecidas dentro de regras éticas, torna essa parceria indissociável e proveitosa para todos, inclusive para os pacientes. Para tanto, faz-se necessário, mais do que boa vontade. É preciso estabelecer regulamentações que sejam seguidas por todos e cobradas de todos.

Anteriormente, o CFM, preocupado com essa questão, havia elaborado a Resolução 1.939/10, proibindo a distribuição, pelos profissionais, de cupons e cartões de desconto em medicamentos. Mais recentemente, o CFM elaborou a Resolução 2.386/24, publicada no último dia 2, que deverá entrar em vigor em seis meses. Por essa nova resolução, o conselho prevê que o médico que tiver vínculo com a indústria farmacêutica ou que produza insumos e produtos médicos, bem como equipamentos de uso médico exclusivo ou de uso comum com outras profissões, empresas intermediadoras da venda desses produtos, é obrigado a prestar informações ao Conselho Regional de Medicina em que estiver inscrito.

Em entrevistas, debates ou exposição ao público leigo a respeito da medicina e em eventos médicos, o profissional fica obrigado a declarar seus conflitos de interesse. Pela resolução, fica vedado ao médico receber quaisquer benefícios relacionados a medicamentos, órteses, próteses, materiais especiais e equipamentos hospitalares sem registro na Anvisa, exceto para pesquisa e que tenha sido previamente aprovado nos comitês de ética em pesquisa.

»Frase que não foi pronunciada:

“A serpente se enrola no bastão. Sempre foi assim. A serpente está sempre em volta aguardando a oportunidade para seduzir, convencer e corromper.”

Dra. Sophia, a sábia

Inocência

» Era setembro de 2016 quando o relatório de Fernando Bezerra aumentava a concessão de 20 para 25 anos aos cassinos e bingos. José Serra, à época, defendia que não havia nova riqueza com bingos e cassinos, “já que o jogador estaria tirando dinheiro de outra demanda para jogar.” O texto frisava que era proibida a exploração de jogos por detentores de mandato eletivo, cidadãos condenados por crime contra a ordem tributária, meio ambiente, lavagem de dinheiro de manutenção de empregados em situação análoga à escravidão.

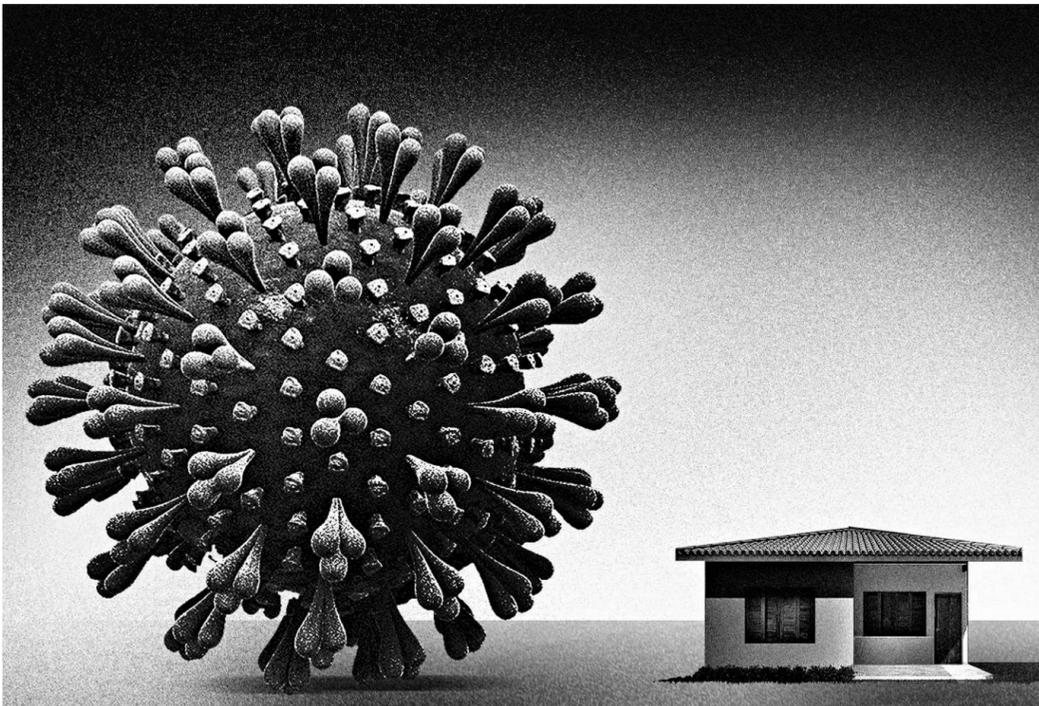
Ação

» Mais policiamento à noite, quando as queimadas começam no DF. Pela madrugada, carros de polícia que raramente eram vistos, hoje estão por todo lado.

»História de Brasília

A cidade de Moreno, em Pernambuco, está para ficar sem prefeito. O vice pediu à Câmara a cassação do mandato do sr. Ney Maranhão, e ninguém sabe o que pode vir a acontecer naquele município.

(Publicada em 18/4/1962)



Um sonho brasileiro

» FERNANDO LEITE

Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap)

Essenta e oito anos atrás, estar na pele do presidente Juscelino Kubitschek era, como diria seu conterrâneo Guimarães Rosa, muito perigoso. Porque viver é perigoso. A pressão foi grande para que Brasília não fosse construída. Havia conspiração no ar, que, mais tarde, se transformaria em perseguição, pessoal e política. Essa parte da história está registrada nos anais da imprensa da época, é sempre bom lembrar, pois foi nesse contexto que nasceu a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, que tinha como missão, muito além de construir uma cidade, também construir sonhos.

E assim se iniciou uma epopeia única na história brasileira: desbravar o sertão não para saquear, não para oprimir ou perseguir, mas, sim, para unir e ensinar um povo a sonhar juntos. Brasília era então uma tarefa difícil, quase impossível aos olhos de muita gente. Ninguém escala uma montanha porque é fácil. O ex-presidente Kennedy dizia, também nos anos 60, que o homem iria à Lua não porque era fácil, mas porque era difícil.

JK, que amava desafios, encarou o difícil e riscou a palavra impossível do seu vocabulário. Com a ajuda de 65 mil candangos, deu à Novacap as condições para construir, no meio do nada, a cidade mais brasileira de todas, no centro da América do Sul, no Cerrado distante do litoral, para muitos distante de tudo. Da mistura de insensatez, audácia, coragem e empreendedorismo, transformou o sonho em realidade.

Tudo isso documentado por milhares de imagens, maquinários originais, documentos e depoimentos que estão aí, embriões de um

projeto do Museu da Construção de Brasília (MCB), que a Novacap prepara com especial carinho, aqui revelado em primeira mão. Diferente de outras epopeias, mesmo as bíblicas, Brasília conta com a particularidade do registro de todas as fases de elaboração, que estarão à disposição dos curiosos e estudiosos.

Temos muito do que nos orgulhar da nossa construção conjunta. Hoje, com 3 milhões de habitantes alcançados nos últimos meses, o Distrito Federal apresenta o maior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil (IDH), acima de muitos países desenvolvidos. Algumas de nossas regiões alcançam índices superiores ao da Noruega, país com maior desenvolvimento humano do planeta. E foi reconhecida, recentemente, como a cidade que oferece a melhor qualidade de vida do país, a partir de indicadores sociais e econômicos medidos pela respeitada International Parts Service (IPS).

E basta percorrer minimamente o Distrito Federal para constatar a presença da Novacap em milhares de ações que buscam inovar, melhorar, fazer diferente, seguindo orientação do governador Ibaneis Rocha para modernizar e reinventar a Novacap ante as novas demandas da população e do mercado.

É hora de expandir a atuação de uma empresa, a rigor, única em todo o país. Para isso, precisa também crescer seu corpo técnico. Neste ano, após duas décadas, a Novacap promoveu seu tão esperado concurso público. Em breve, algumas centenas de novos colaboradores ajudarão a expandir sua presença no mercado (no DF e fora dele, por que não?) por meio

de contratos de prestação de serviços, como o firmado com o Tribunal Regional Federal da 1ª região para a retomada das obras de sua sede.

Vale destacar a presença da Novacap na construção de cinco hospitais e reformas de dois outros, de cinco Unidades Básicas de Saúde (UBs), de cinco restaurantes comunitários, nada menos do que 1.200 salas de aulas para atender 30 mil alunos, de quase 700 quilômetros de calçadas, de recuperação de vias, limpeza e desobstrução das redes de drenagem etc. A lista é muito longa. Ah, não deixar de mencionar a tão aguardada reforma do Teatro Nacional, já em fase de conclusão na Sala Martins Pena.

Os editais dessas unidades são inovadores, adotando modelo que desburocratiza a contratação e viabiliza de forma mais célere a contratação das empresas responsáveis pelas obras. Modelo que pode ser usado nos nossos próximos grandiosos projetos, como a reforma da Piscina de Ondas e da Ponte JK. Sem falar no alcance social de cada uma dessas obras, nos empregos que elas geram e na visível melhoria da qualidade de vida da população.

A Novacap, que completa 68 anos, é uma empresa criada para fazer o futuro, provando que aqui vive um povo que nasceu com o valor de ser de vanguarda. Dizem que a história se escreve por camadas, cada capítulo exigindo um novo, e este mais outro, e outro mais, sem nunca chegar a um ponto final, numa comovente sensação de participarmos de um sonho intenso, um sonho que não acaba nunca.

Brasília não é uma obra acabada. Ela está nos convidando a trabalhar mais.